INVENÇÃO DA ÁFRICA

Flavio Thales Ribeiro Francisco



Dois motivos básicos obrigam-nos a relevar os estudos sobre a África. O primeiro deles, para nós brasileiros, é o caráter de matriz histórica e cultural que os africanos e os seus descendentes tiveram na formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, marcando de forma indelével a nossa identidade nacional. O segundo, é a importância intrínseca do continente na História Mundial. Ele protagonizou, por exemplo, um dos mais importantes processos políticos do século XX, o da descolonização.

O SIGNIFICADO DOS ESTUDOS AFRICANOS PARA O BRASIL

África no imaginário da antiguidade

As prováveis origens do nome África derivam, como é natural, do norte do continente. Uma delas é Afrig, nome de uma tribo berbere do antigo império de Cartago. A segunda, e que prevaleceu por séculos, foi o de Líbia, designando a parte então mais conhecida do continente – da Tripolitânia até a atual Tunísia.

O nome de Líbia teria sido dado por Heródoto quando usou o nome de heroínas míticas para designar os três continentes então conhecidos: Europa, Ásia e Líbia. Este último nome predominou até o século XVI quando foi adotado o de Afriquyia, antiga designação árabe, que mais tarde foi latinizada para África.

Etimologia de África

- O termo "África" tem uma origem etimológica que remonta à antiguidade e é cercado de debate. Acredita-se que ele possa ter derivado de várias fontes. Uma das teorias mais comuns sugere que "África" vem da palavra latina "Africa", que se referia inicialmente à região da atual Tunísia e, posteriormente, se expandiu para incluir todo o continente.
- Outra hipótese liga o termo à palavra fenícia "afar", que significa "pó", possivelmente referindo-se à paisagem do norte da África. Há também uma conexão com a palavra berbere "ifri", que se refere a cavernas ou lugares de abrigo, possivelmente ligando-se às primeiras habitações humanas na região.
- Além disso, algumas fontes sugerem que "África" pode estar relacionada à palavra grega "a-phrike", que significa "sem frio" ou "sem medo", refletindo as condições climáticas do continente.

Invenção da África

- O saber ocidental constrói uma nova consciência planetária constituída por visões de mundo, auto-imagens estereótipos que compõe um olhar imperial sobre o universo. Assim, o conjunto de escrituras sobre a África, em particular sobre as últimas décadas do século XIX e meados do século XX, contém equívocos, pré-noções e preconceitos decorrentes, em grande parte, das lacunas do conhecimento ou do próprio desconhecimento sobre o referido continente.
- (Leila Hernandez)

Invenção da África

- Os africanos são identificados com designações apresentadas como inerentes às características fisiológicas baseadas em certa noção de raça negra. Assim sendo, o termo africano ganha um significado preciso: negro, a qual se atribui um amplo espectro de significações negativas tais como frouxo, fleumático, indolente e incapaz, todas elas convergindo para uma imagem de inferioridade e primitivismo.
- (Leila Hernandez)

Difusão de narrativas eurocêntricas

- Até a década de 1990 ainda imperava no mundo acadêmico a ideia de que o “Ocidente” - por vezes, desde a “Grécia Antiga”- tinha qualidades ou especificidades que lhe teriam permitido dominar o resto do mundo.
- A maior parte dessas ideias eram originárias de fins do século XVIII e tiveram entre seus maiores divulgadores autores do romantismo alemão (séculos XVIII-XIX), mas é possível encontrar suas primeiras manifestações no renascimento italiano (séculos XV-XVI).

Eurocentrismo

- • Dussel (2001), em “Europa, modernidade e eurocentrismo”, apresenta e critica o conceito de eurocentrismo. • “O que será a Europa ‘moderna’ (em direção ao Norte e ao Oeste da Grécia) não é a Grécia originária, está fora de seu horizonte, e é simplesmente o incivilizado, o não-humano. Com isso queremos deixar muito claro que a diacronia unilinear Grécia-Roma-Europa (...) é um invento ideológico de fins do século XVIII romântico alemão; é então uma manipulação conceitual posterior do ‘modelo ariano’, racista” (Dussel 2005: 25).



Invenção da África de Mudimbe

- **"Invenção da África"** é uma obra seminal escrita pelo filósofo e antropólogo congolês Valentin-Yves Mudimbe, publicada em 1988. O livro é uma profunda reflexão sobre as representações do continente africano e as maneiras pelas quais o conhecimento sobre a África foi construído e imposto, especialmente a partir de uma perspectiva colonial e ocidental. O título "Invenção da África" reflete a ideia de que a África, tal como foi entendida e descrita no imaginário europeu, foi, em grande parte, uma construção intelectual colonial, em vez de uma representação fiel das culturas, histórias e filosofias africanas.
- Mudimbe argumenta que o colonialismo europeu não apenas subjugou os povos africanos fisicamente, mas também controlou a maneira como o conhecimento sobre a África foi produzido, estabelecendo categorias e narrativas que refletiam os interesses e preconceitos coloniais. Isso incluiu a invenção de uma "África" primitiva, exotizada e carente de civilização, uma imagem que foi perpetuada por estudiosos, missionários e administradores coloniais.

Bárbaros de uma terra quente

- Em sua lógica explicativa, Heródoto, afirmava que “os homens daquelas regiões” eram “negros por causa do calor” e que os habitantes da Líbia eram “entre todos os homens os de cabelos mais crespos”. Chamando a todos de etíopes e a região por eles ocupada de Etiópia, o historiador grego acreditava ser aquela a “mais remota das regiões habitadas (...)”. Além disso, se comparados a outros povos, como os gregos e egípcios, os etíopes seriam inferiores, bárbaros – sem civilização – e identificados como troglodítas.

Narrativa Camita

- Segundo os textos bíblicos, Cam, um dos filhos de Noé, foi punido por flagrar seu pai nu e embriagado. Como pena, seus filhos deveriam se tornar servos dos filhos de seus irmãos, habitariam parte dos territórios do Oriente Próximo, do Egito e da Etiópia. A queda de Cam e a localização do local de degredo de seus descendentes serviriam como fórmulas explicativas para apontar a África como um local esquecido por Deus ou amaldiçoado.
- A descrição do Inferno como uma região de calor insuportável e habitado por seres monstruosos e demoníacos parecia de encaixar perfeitamente sobre a África. Pelo menos seria o que confirmariam os primeiros viajantes e missionários europeus que passariam pelo continente durante os séculos XV e XVI.

Relatos de Viagem (XVI-XVIII)

- Influenciados pelas visões e concepções europeias do início dos tempos modernos, os relatos desses homens foram marcados pela convicção de que a Europa era uma civilização infinitamente superior.
- Isso se evidenciava pela ausência da fé cristã, trocada em África por “cultos pagãos e fetichistas”, e de Estados organizados aos moldes dos europeus, trocados em África por grupos sem lei ou chefias desorganizadas.
- Nem a relação dos portugueses com, o que eles mesmos denominaram Reino do Kongo, do Monomotapa e da Etiópia foi suficiente para estabelecer outra ideia do que a da inferioridade dos africanos pela ausência dos Reinos centralizados como na Europa

Representações do período colonial

- Neste momento, da montagem e afirmação do colonialismo europeu, houve uma **migração da imagem do africano confundido anteriormente com o escravo para o reforço do estigma do selvagem**, primitivo e infantil.
- **Todos esses elementos seriam selos antagônicos às imagens divulgadas sobre os europeus, associadas ao progresso tecnológico**, à crença de que suas civilizações seriam superiores, ou ainda à divulgada teoria de que as mentes e estruturas europeias eram as mais complexas do orbe.
- Tachados de preguiçosos e inábeis ao trabalho sofisticado, os africanos deveriam ser disciplinados e ensinados pelos serviços braçais, mesmo que compulsórios. Os africanos eram considerados povos que se encontravam ainda na infância da humanidade

Teorias raciológicas

- Algumas Sociedades Antropológicas – como a London Anthropological Society - reuniam os que defendiam ferrenhamente a teoria de que a diversidade humana era resultado das diferenças raciais, responsáveis por tornar os povos superiores ou inferiores intelectual e fisicamente.
- A hibridação das raças também era condenada, já que suas conseqüências levariam a degeneração dos tipos humanos. Para eles as raças eram imutáveis e a mestiçagem deveria ser evitada. Era quase unânime a idéia de que as diferenças entre os grupos seriam insuperáveis. Os negros seriam sempre inferiores e os brancos superiores







VENUS HOTENTOTE – SAATRJIE BAARTMAN

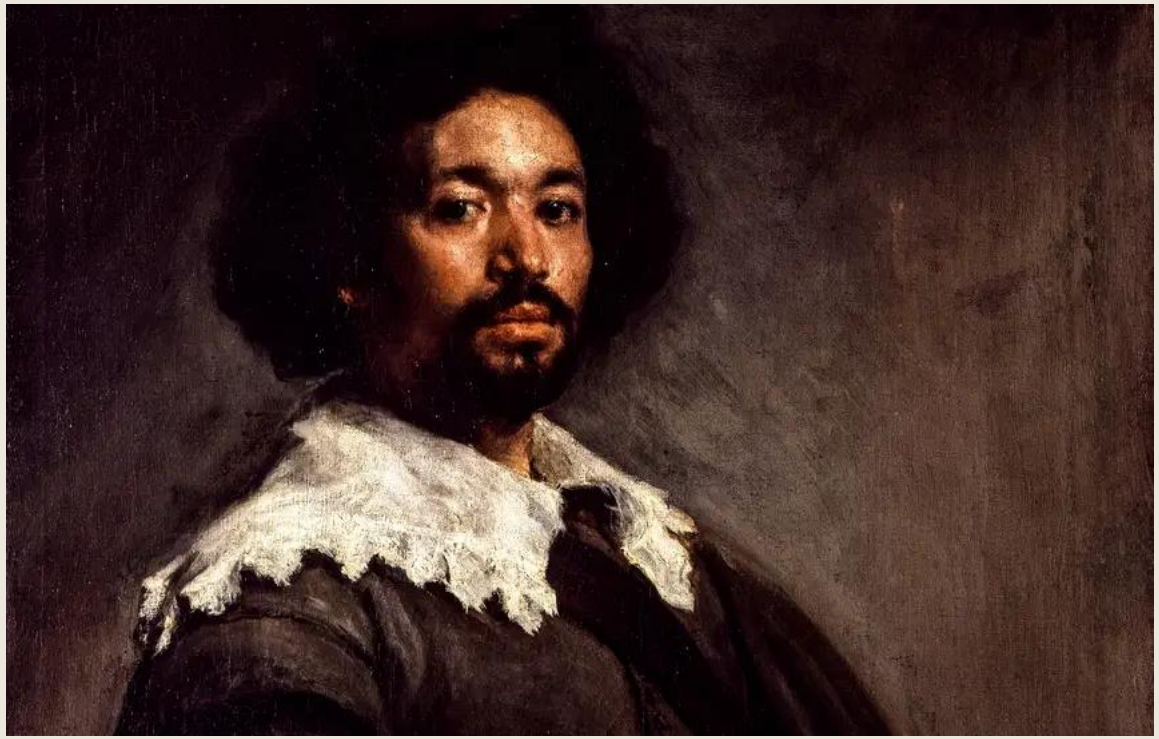
Saatrjie Baartman

- Saartjie Baartman (c. 1770s–1815) foi uma mulher indígena da etnia **Khoisan**, nascida na atual África do Sul. Ela ficou conhecida na Europa pelo nome pejorativo de "Vênus Hotentote" e tornou-se um símbolo da exploração e do racismo colonialista.
- **Vida e Exploração**
- Saartjie Baartman foi levada para a Europa no início do século XIX, sob promessas de riqueza e fama. No entanto, ao chegar à Inglaterra e depois à França, ela foi submetida a **exibições públicas degradantes**, onde seu corpo era explorado como uma "curiosidade exótica". Suas características físicas, especialmente os quadris largos e as nádegas proeminentes, eram vistas como algo "diferente" pelos europeus, reforçando estereótipos raciais.
- Ela foi tratada como uma atração de circo e exibida em feiras, espetáculos e apresentações privadas, onde pessoas a observavam e a tocavam em troca de dinheiro. Após sua morte, em 1815, o cientista francês **Georges Cuvier** estudou seu corpo e reforçou ideias racistas sobre a inferioridade dos povos africanos. Seus restos mortais foram preservados no Museu do Homem, em Paris, até 2002, quando finalmente foram repatriados para a África do Sul e enterrados com dignidade.

In Gennea, 1511 de Hans Burgkmair



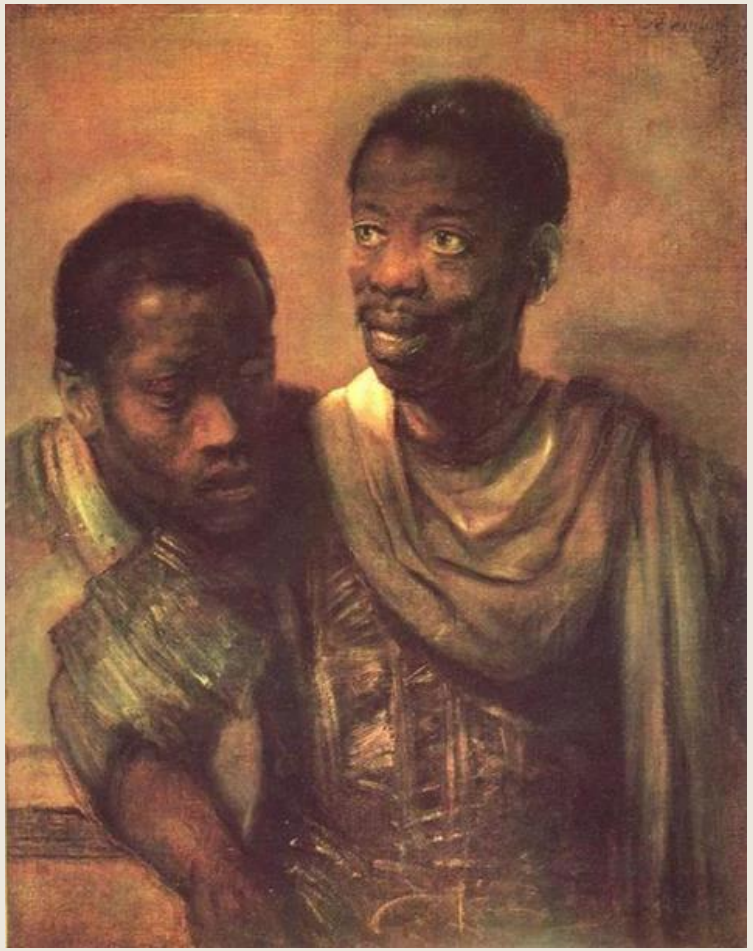
Juan de Parejas de diego velaquez



Study of Four Blacks' Heads (1620), de Peter Paul Rubens



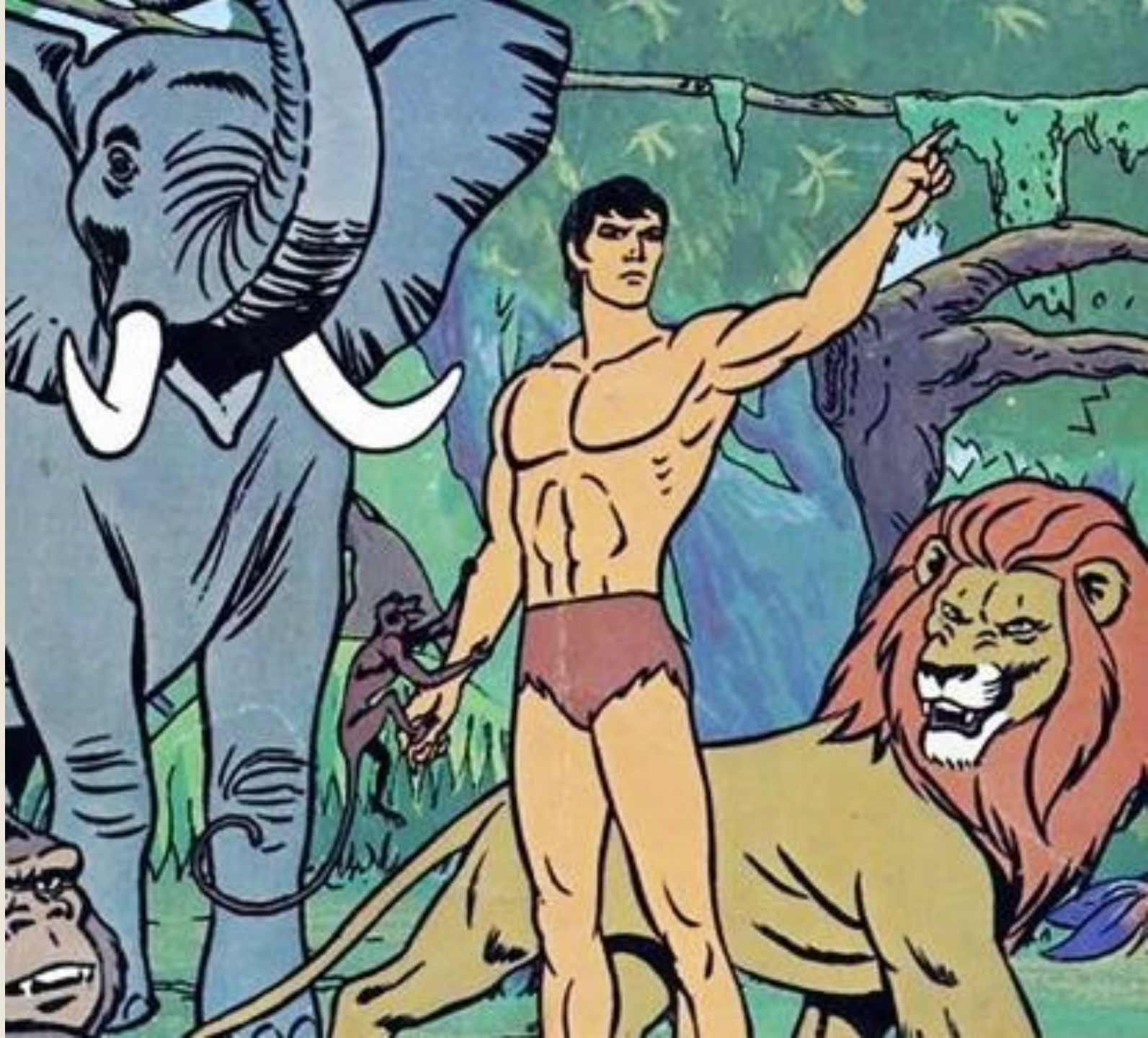
Two Negroes (1697), de Rembrandt



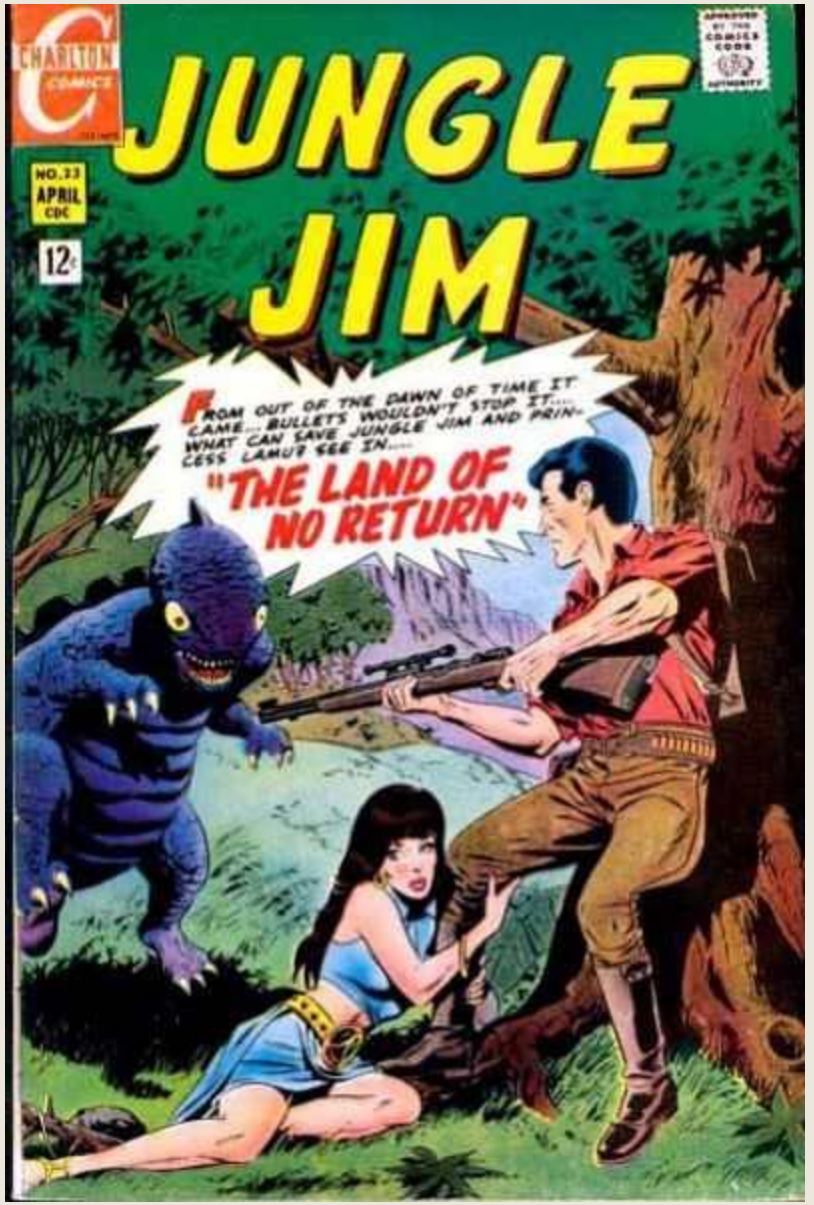
Young Black (1697), de Hyacinthe Rigaud



REPRESENTAÇÕES SOBRE O CONTINENTE AFRICANO






CHARLTON COMICS
JUNGLE JIM
NO. 33
APRIL
CDC
12¢
FROM OUT OF THE DAWN OF TIME IT CAME... BULLETS WOULDN'T STOP IT.... WHAT CAN SAVE JUNGLE JIM AND PRINCESS LAMU? SEE IN....
"THE LAND OF NO RETURN"

Zoológicos Humanos

- **Zoológicos Humanos no Período Colonial**
- Os **zoológicos humanos** foram exibições racistas de pessoas não europeias, comuns entre os séculos XIX e XX, principalmente em países colonizadores como França, Bélgica, Alemanha e Estados Unidos. Essas exposições faziam parte de feiras mundiais, eventos coloniais e até parques zoológicos, onde indivíduos de diferentes etnias eram exibidos como “provas” da superioridade europeia sobre outros povos.
-

- **Origens e Propaganda Colonial**
- Os zoológicos humanos surgiram no contexto do **imperialismo europeu**, quando potências coloniais dominavam vastos territórios na África, Ásia, América e Oceania. As exposições eram apresentadas como "educativas" e justificavam a dominação europeia ao retratar os povos colonizados como "selvagens" ou "primitivos", reforçando ideologias racistas e pseudocientíficas.
- A justificativa era baseada no **darwinismo social**, que distorcia as ideias de Charles Darwin para argumentar que algumas “raças” eram mais evoluídas do que outras. Cientistas e antropólogos racistas usavam essas exibições para estudar e classificar pessoas, colocando-as abaixo dos europeus em uma falsa hierarquia humana.

ZOOLÓGICO HUMANO



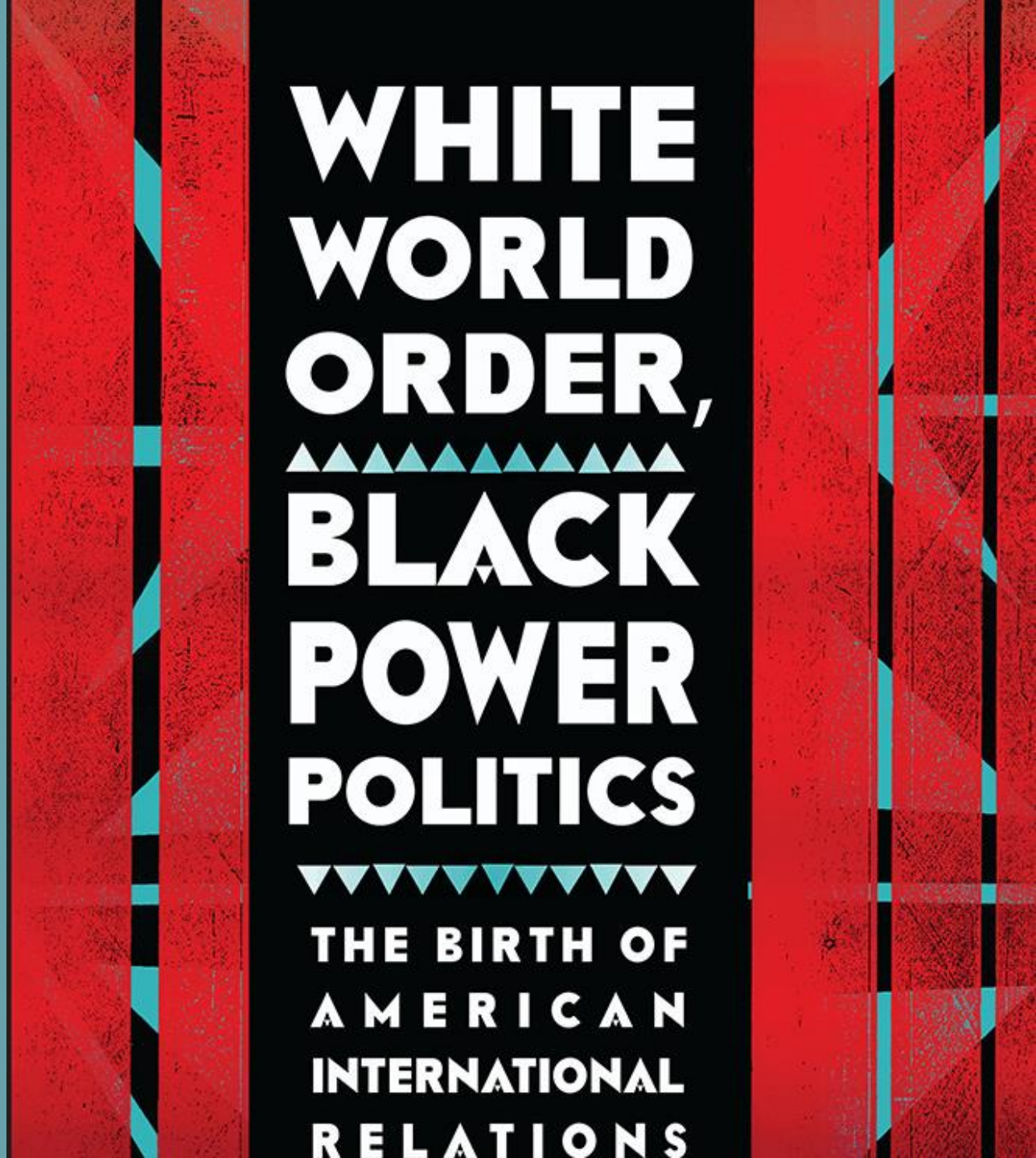
ZOOLÓGICO HUMANO



ZOOLÓGICO HUMANO



RAÇA E INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS (ROBERT VITALIS)



The jornal of race development (1910)

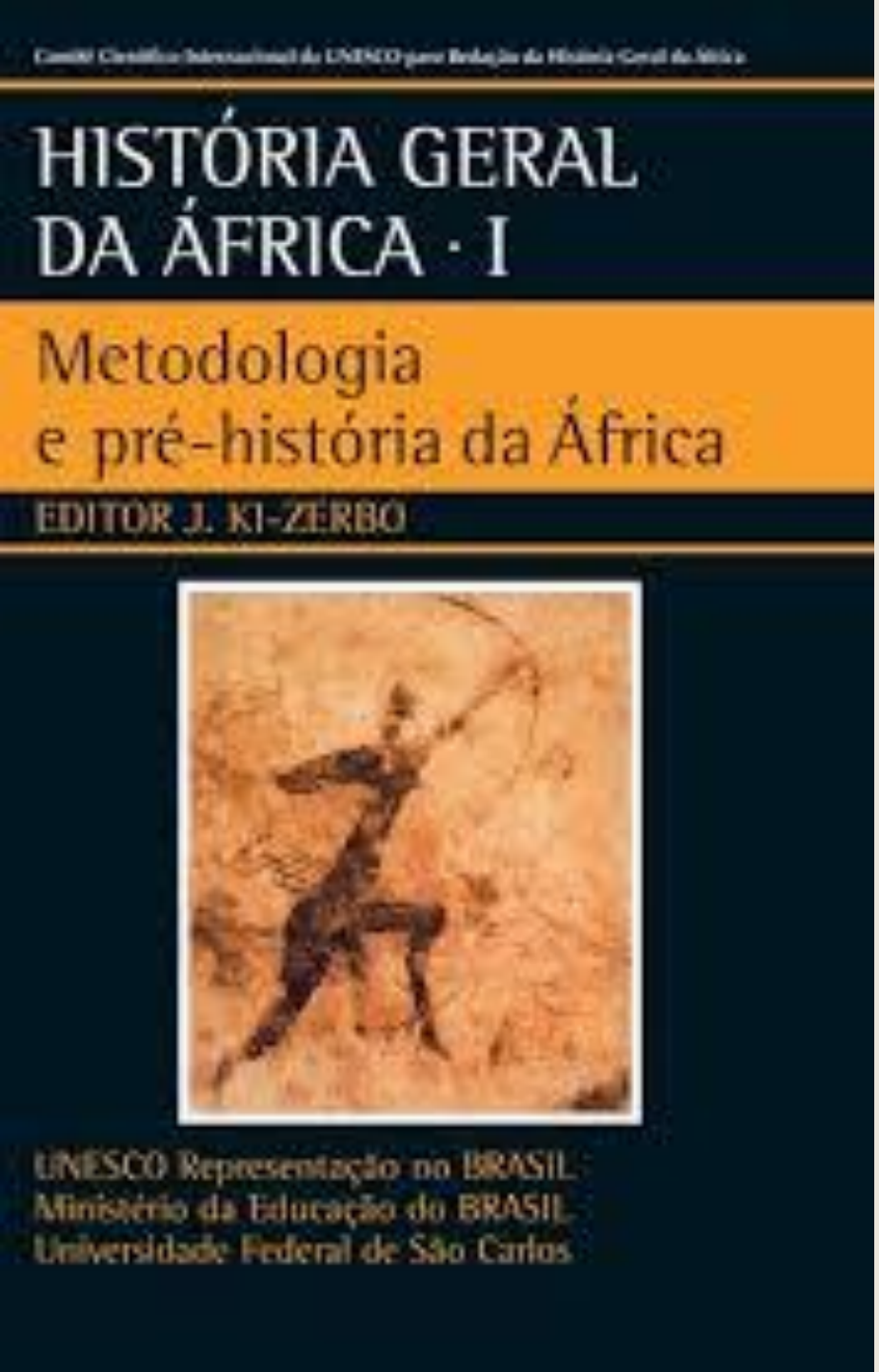
- A revista, fundada por G Stanley Hall, discutia relações internacionais a partir de uma perspectiva de enfrentamento de raças.


THE JOURNAL
OF
RACE DEVELOPMENT
VOLUME I
1910-1911

Foreign affairs (1922)

- Em 1922 a Journal of Race development foi renomeada para Foreign Affairs.
- Vitalis afirma que o debate principal da revista e das institucionais que pioneiramente promoveram as relações internacionais estavam preocupadas em como manter o imperialismo





História Geral da África

- O **Projeto UNESCO de História Geral da África** é uma iniciativa de grande relevância para a valorização e preservação da história do continente africano. Lançado na década de 1960, logo após a independência de muitos países africanos, o projeto surgiu com o objetivo de revisar e reescrever a história da África a partir de uma perspectiva africana, corrigindo séculos de distorções e omissões presentes em narrativas eurocêntricas.
- Composto por oito volumes, o projeto foi desenvolvido por uma equipe internacional de historiadores, a maioria deles africanos, e abrange desde as civilizações antigas até o século XX. Ele valoriza as contribuições da África à história mundial, abordando aspectos como o desenvolvimento cultural, científico, econômico e político, além das interações entre os povos africanos e o mundo externo, incluindo o impacto do colonialismo e a luta pela independência.
- A iniciativa também busca promover o ensino da história da África nas escolas e universidades, de forma a fortalecer a identidade cultural e o conhecimento histórico entre os próprios africanos e a diáspora. Além dos volumes escritos, a UNESCO lançou recentemente a **História Geral da África em formato digital.**

África entre os intelectuais

- Nina Rodrigues foi um importante médico, antropólogo e intelectual brasileiro que, no final do século XIX, se dedicou ao estudo das culturas africanas e das populações negras no Brasil. Considerado um dos pioneiros da antropologia no país, ele investigou a influência da África na formação da sociedade brasileira, com foco nas religiões afro-brasileiras, como o Candomblé, e nos aspectos culturais, sociais e psicológicos dos negros. Embora suas análises tenham sido marcadas por visões racistas e eugenistas, as pesquisas de Nina Rodrigues ajudaram a lançar as bases para estudos posteriores sobre as culturas africanas e afro-brasileiras, além de contribuir para a discussão sobre a formação do Brasil a partir da interação entre diferentes etnias.

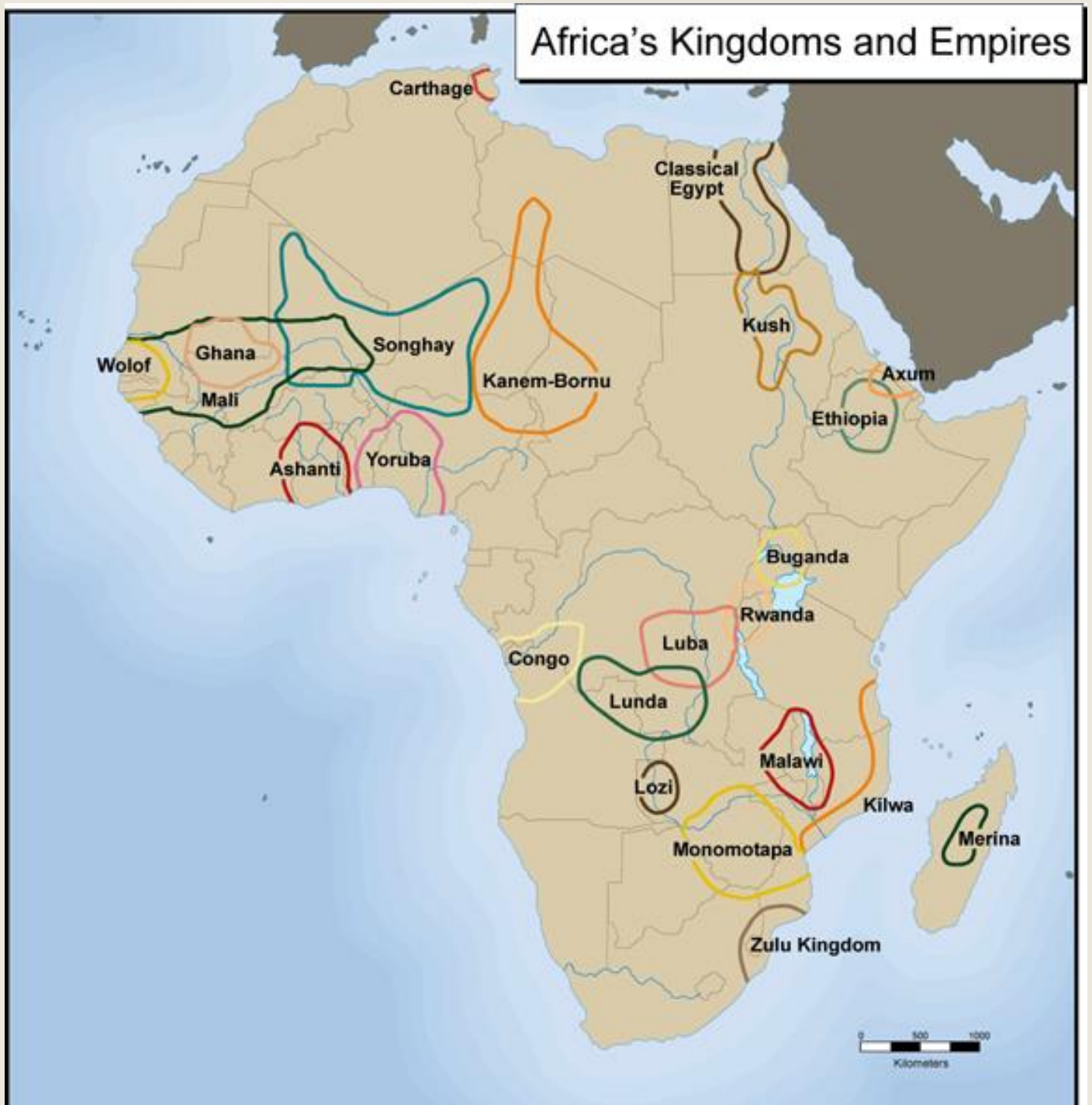
Blocos Afros

- Os blocos afros são grupos culturais que surgiram no Brasil, especialmente na Bahia, com o objetivo de promover e celebrar a cultura afro-brasileira. Esses blocos, formados por músicos, dançarinos e foliões, tocam músicas de ritmos afro, como o samba-reggae e o axé, e se apresentam principalmente durante o Carnaval. Eles têm um papel fundamental na valorização da herança africana, além de promoverem a resistência cultural e o empoderamento da comunidade negra. Ao longo do tempo, os blocos afros se tornaram símbolos de resistência, identidade e união dentro da cultura popular brasileira.



A África no candomblé

- No final do século XIX, lideranças dos candomblés passam a viajar para a África Ocidental em busca de artefatos "originais". Há uma maior valorização dos terreiros com conexão com a África.


Africa's Kingdoms and Empires
Carthage
Classical Egypt
Kush
Axum
Ethiopia
Wolof
Ghana
Mali
Songhay
Kanem-Bornu
Ashanti
Yoruba
Buganda
Rwanda
Congo
Luba
Lunda
Malawi
Lozi
Kilwa
Monomotapa
Merina
Zulu Kingdom
0 500 1000
Kilometers

Fatores constituintes dos reinos africanos

- Os reinos e impérios que se organizam no continente, principalmente a parti do século IX, se estruturaram a partir de redes comerciais de escravos que atravessavam os acidentes geográficos do continente.
- Na África Ocidental, onde se constituíram os grandes impérios, para além do circuito de escravos, havia também o comércio de ouro, utilizado para se cunhar moedas. Outros produtos importantes eram o sal e comércio de animais
- As possibilidades de invasões e os conflitos em torno de rotas militarizaram a região e acentuou o processo de centralização de alguns reinos.

REINO DE GANA (-1240)

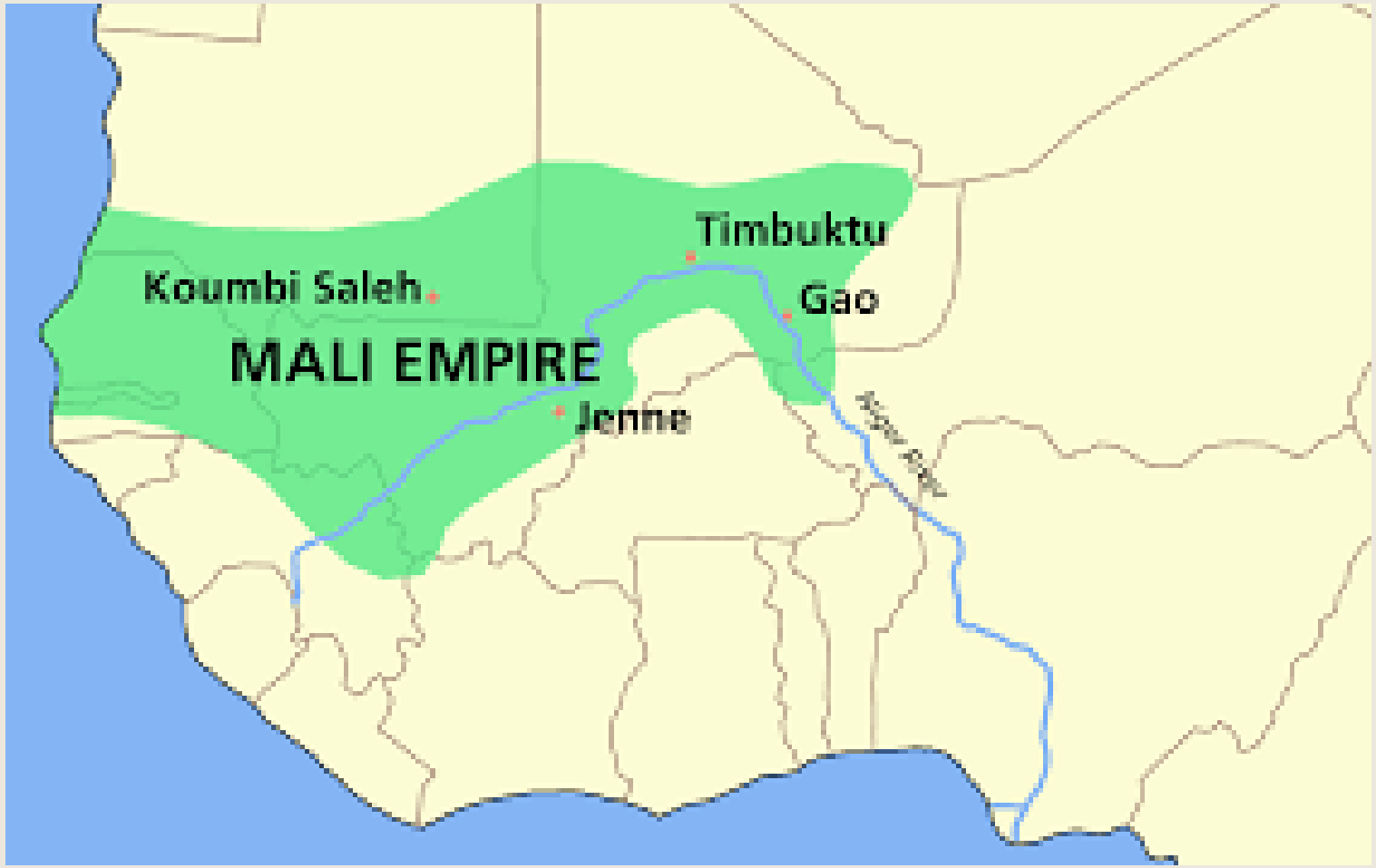


Reino de Gana

- O Reino de Gana, também conhecido como Império de Gana, florescendo entre os séculos IV e XI. Localizado onde hoje é o sudeste da Mauritânia e Mali, Gana foi um importante centro comercial, especialmente pelo comércio de ouro, sal e escravos. Sua capital era Kumbi Saleh. O reino prosperou graças à sua posição estratégica entre o deserto do Saara e as regiões ricas em ouro ao sul. Gana começou a declinar no século XI, devido a invasões dos almorávidas e pressões internas, levando à sua fragmentação e ao surgimento do Império do Mali.


The Kingdom of Ghana

Império do Mali – 1230-1670



Império do Mali

- O Império do Mali foi uma poderosa civilização da África Ocidental que floresceu entre os séculos XIII e XVI. Fundado por Sundiata Keita após a Batalha de Kirina em 1235, o império sucedeu o Reino de Gana e tornou-se uma das maiores potências da região. Mali controlava importantes rotas comerciais, especialmente de ouro, sal e escravos. Seu governante mais famoso, Mansa Musa (1312-1337), é lembrado por sua extraordinária riqueza e por sua famosa peregrinação a Meca, que espalhou a fama de Mali pelo mundo islâmico. O império começou a declinar no final do século XV devido a conflitos internos e invasões.

Islamismo do Mali

- Mansa Mussa, rei do Mali, que fez uma peregrinação até Meca no século XIV, é indicado pelos registros históricos como o responsável pela expansão do Islã na região.
- Tanto no caso de Mali quanto de Songai os muçulmanos utilizaram o furor religioso para dominar grupos de infiéis.

Império Songai (1464-1591)



Império de Songai

- O Império de Songai foi uma das maiores e mais poderosas civilizações da África Ocidental, florescendo entre os séculos XV e XVI. Sucedendo o Império do Mali, Songai expandiu-se sob líderes como Suni Ali (1464-1492) e Askia Muhammad (1493-1528), que consolidaram seu controle sobre vastas áreas, incluindo as importantes cidades de Tombuctu e Gao.
- O império se destacou no comércio de ouro, sal e escravos, e tornou-se um centro de cultura e aprendizado islâmico. Seu declínio começou no final do século XVI, após uma invasão marroquina em 1591, o que enfraqueceu o controle sobre as rotas comerciais e levou à fragmentação do império.

George hegel

- A África propriamente dita é parte característica deste continente. Começamos pela consideração deste continente, porque em seguida podemos deixa-lo de lado, por assim dizer. Não tem interesse histórico próprio, senão o de que os homens vivem na barbárie e na selvageria, sem fornecer nenhum elemento à civilização. Por mais que retrocedamos na história, acharemos que a África está sempre fechada no contraste com o resto do mundo, é um Eldorado recolhido em si mesmo, é o país criança, envolvido na escuridão da noite, aquém da luz da história consciente.

Dados sobre o continente africano

- A África é o terceiro continente mais extenso com cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados, cobrindo 20,3 % da área total da terra firme do planeta.
- Área: 30.370.000 km^2
- População: 1,373 bilhões
- Maior cidade: Lagos

Os mais populasos

- Em 2023, a Nigéria é o país mais populoso de África, com mais de 223 milhões de pessoas.
- A Etiópia vem em segundo lugar, com cerca de 127 milhões de pessoas.
- Outros países africanos povoados:
- Egito: Cerca de 113 milhões de pessoas República Democrática do Congo: Cerca de 105 milhões de pessoas Tanzânia: Cerca de 69 milhões de pessoas África do Sul: Cerca de 61 milhões de pessoas Quénia: Cerca de 56 milhões de pessoas Uganda: Cerca de 49 milhões de pessoas Sudão: Cerca de 49 milhões de pessoas Argélia: Cerca de 46 milhões de pessoas Marrocos: Cerca de 38 milhões de pessoas Angola: Cerca de 37 milhões de pessoas

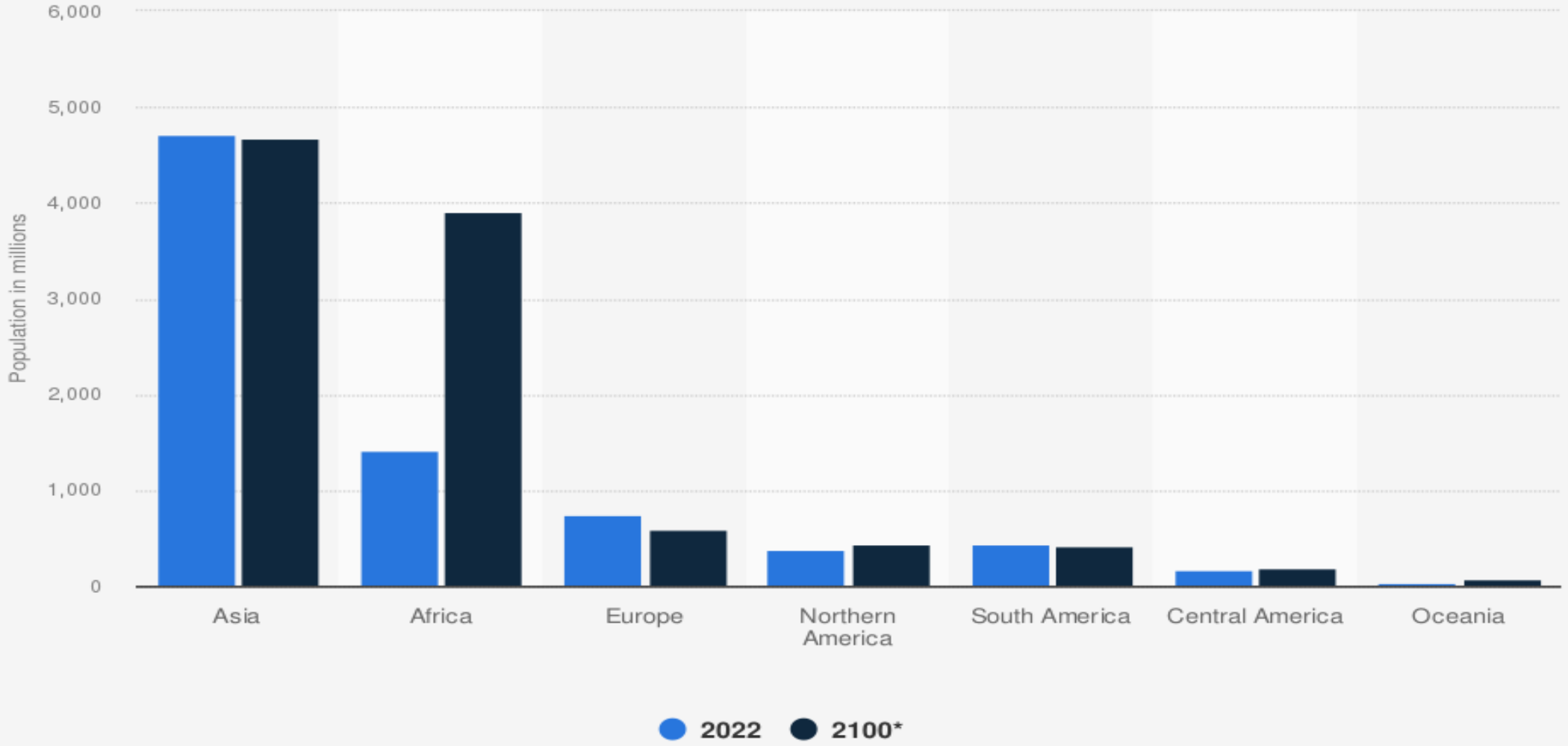
Taxa de mortalidade

A taxa de mortalidade infantil é a mais alta do mundo, 88%, quinze vezes a da Europa. No entanto, a taxa de natalidade é também alta, embora tenha, na última década, baixado para 39% (média mundial, 23%). A taxa de fecundidade anda à volta de 5,4 por mulher, quase o dobro da média mundial de 2,9.

No entanto, o que o solo nega na África, o subsolo dá, como veremos a seguir ao fazermos referência à enorme riqueza de minerais que o continente possui. A região mais rica é a austral, que os franceses chamam de "escândalo geológico". Isto significa haver numa área relativamente pequena - que vai de Angola - Congo/Zaire até à África do Sul - a maior concentração mundial de minerais nobres, muitos deles de valor estratégico.

LIMITES PARA AGRICULTURA E RIQUEZA DE RECURSOS MINERAIS

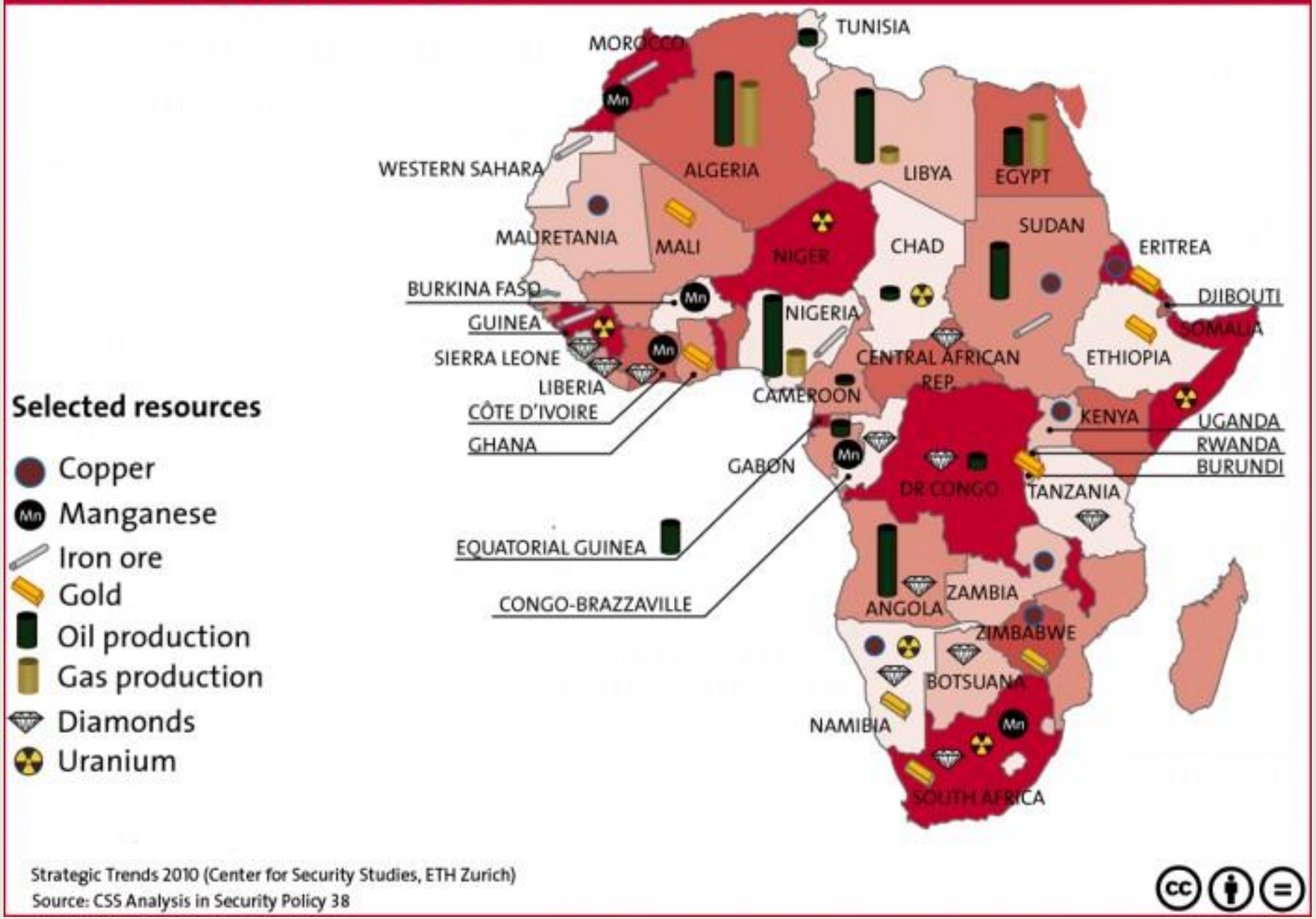
Forecast of the world population in 2022 and 2100, by continent (in millions)



Source
United Nations
© Statista 2022

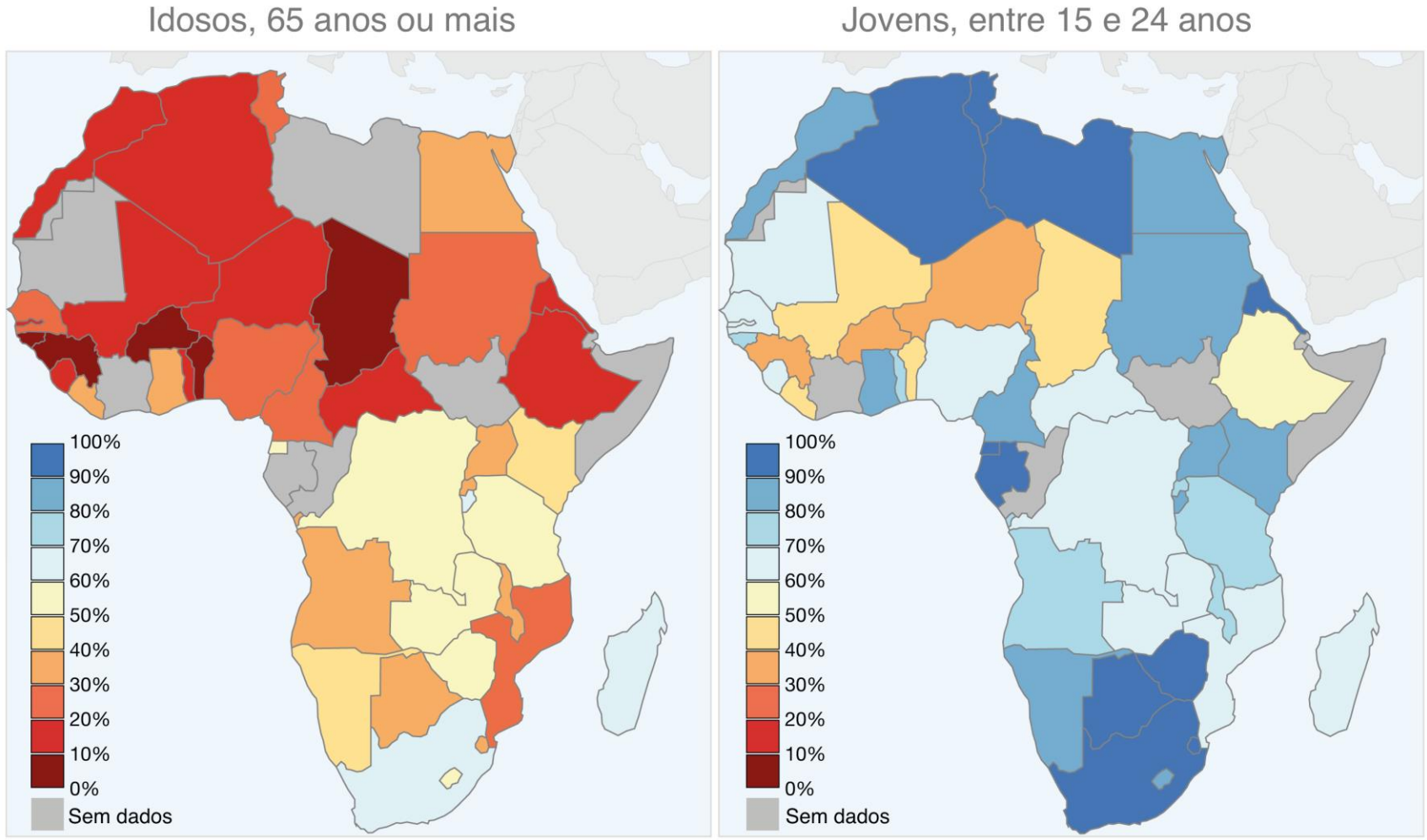
Additional Information:
Worldwide; United Nations; UN DESA; 2022; As of January 1

Africa's resource wealth



Strategic Trends 2010 (Center for Security Studies, ETH Zurich)
Source: CSS Analysis in Security Policy 38

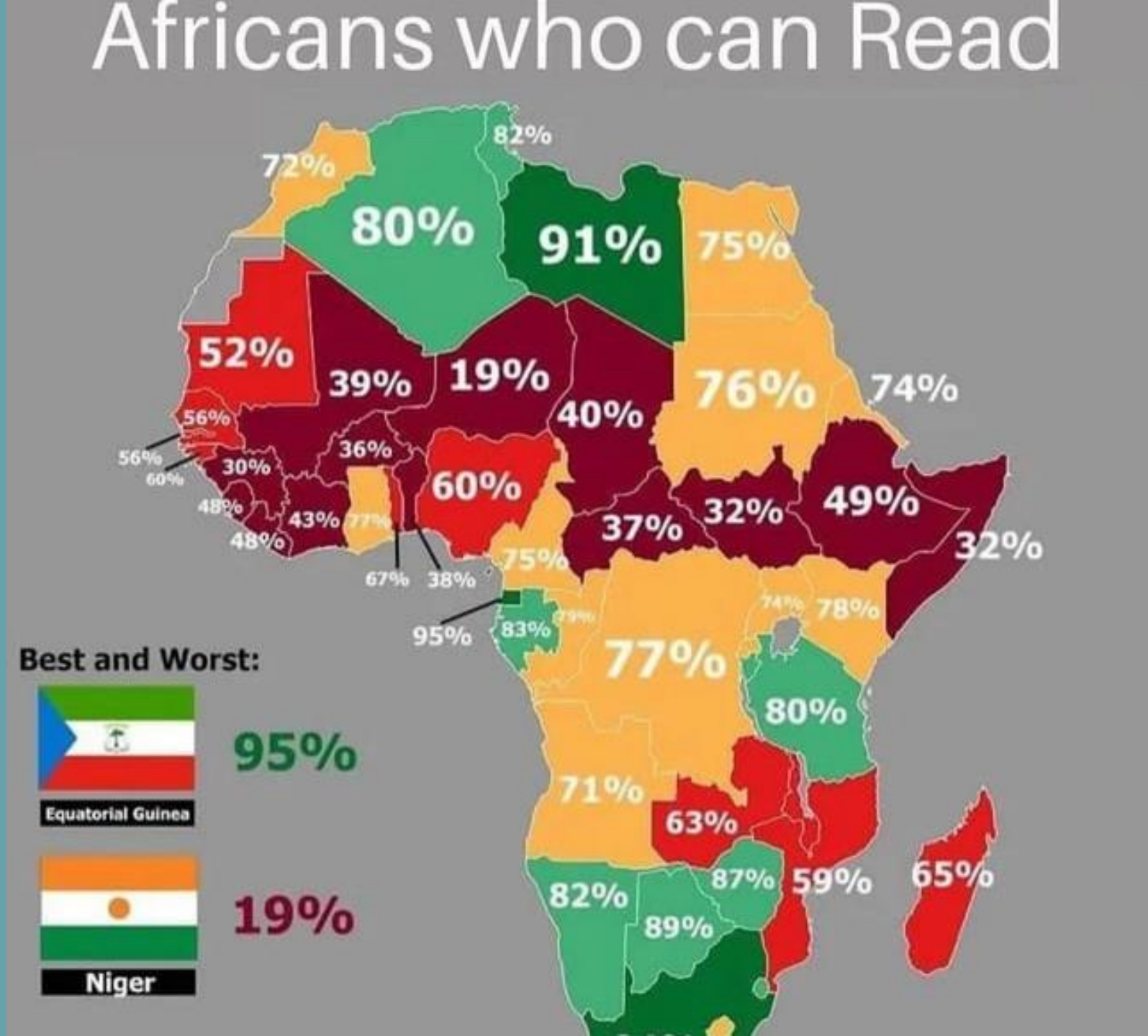
Taxa de alfabetização: duas gerações



Fonte: UNESCO

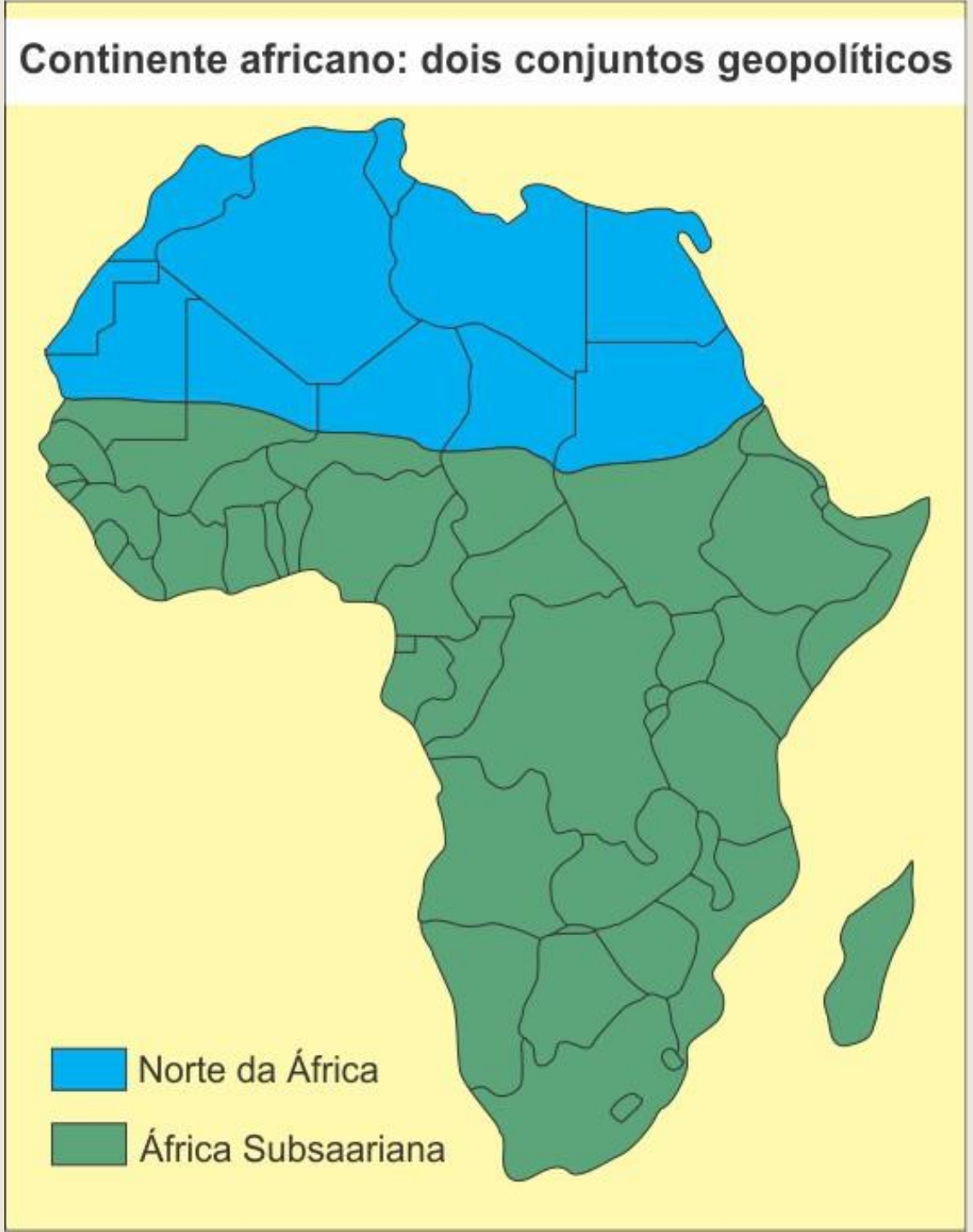
Elaborado por Max Roser, como parte do projeto AfricaInData.org do Our World in Data. Traduzido pelo Instituto Mercado Popular

TAXA DE ALFABETIZAÇÃO




Regions of Africa
Northern Africa
Western Africa
Central Africa
Eastern Africa
Southern Africa
N
W
E
S
ATM

Continente africano: dois conjuntos geopolíticos



Desafios da África subsaariana

- A chamada "revolução do camelo" veio a possibilitar que, a partir do século X, o ouro dos impérios negros, situados na curva do rio Níger (Ghana, Mali e Songhai), chegasse à Europa medieval, comerciado pelos mouros através do deserto do Saara.
- Um outro exemplo de constrangimento geográfico ocorrido na África é o fato de, na parte ao sul do Equador, não ter sido possível converter em cultivo nenhuma das plantas nativas dessa área; nem pelos bantos, nem depois, pelos europeus.
- Os cultivos provieram do norte do Equador, da Ásia ou até das Américas, como foi o caso da mandioca, do milho e da batata. Quase o mesmo se pode dizer dos animais domésticos.

Grupos linguísticos

A segunda família, a maior, que se estende por uma boa parte do continente, de Dakar a Mombaça e, ao sul, até a Cidade do Cabo, é a nígero-kordofiana. Ela inclui dois grandes grupos, o banto e o sudanês, que tanto enriqueceram - e ainda enriquecem - o vocabulário brasileiro. As línguas sudanesas, como o ioruba, predominam na África Ocidental, à qual os árabes chamavam de Bilad al-Sudan ("terra dos negros"). É uma região que se estende desde o Senegal até o leste do rio Níger; ela não deve ser confundida com o Sudão, país do sul do Egito, na região nilótica.

Bantos

O outro grupo é o banto; recebeu dos lingüístas essa designação pelo fato de todas as línguas do grupo usarem o sufixo ntu para designar o ser humano. O prefixo ba designa o plural. Daí a palavra bantu [pessoas], aportuguesada para banto. Ocupam uma vasta área do centro e do sul do continente, abaixo da linha que ligaria os Camarões à região dos Lagos, a leste. Cerca de 70% dos afro-descendentes brasileiros têm ascendência banto, com predominância da área Congo-Angola.

LÍNGUAS AFRICANAS E SEUS USUÁRIOS:

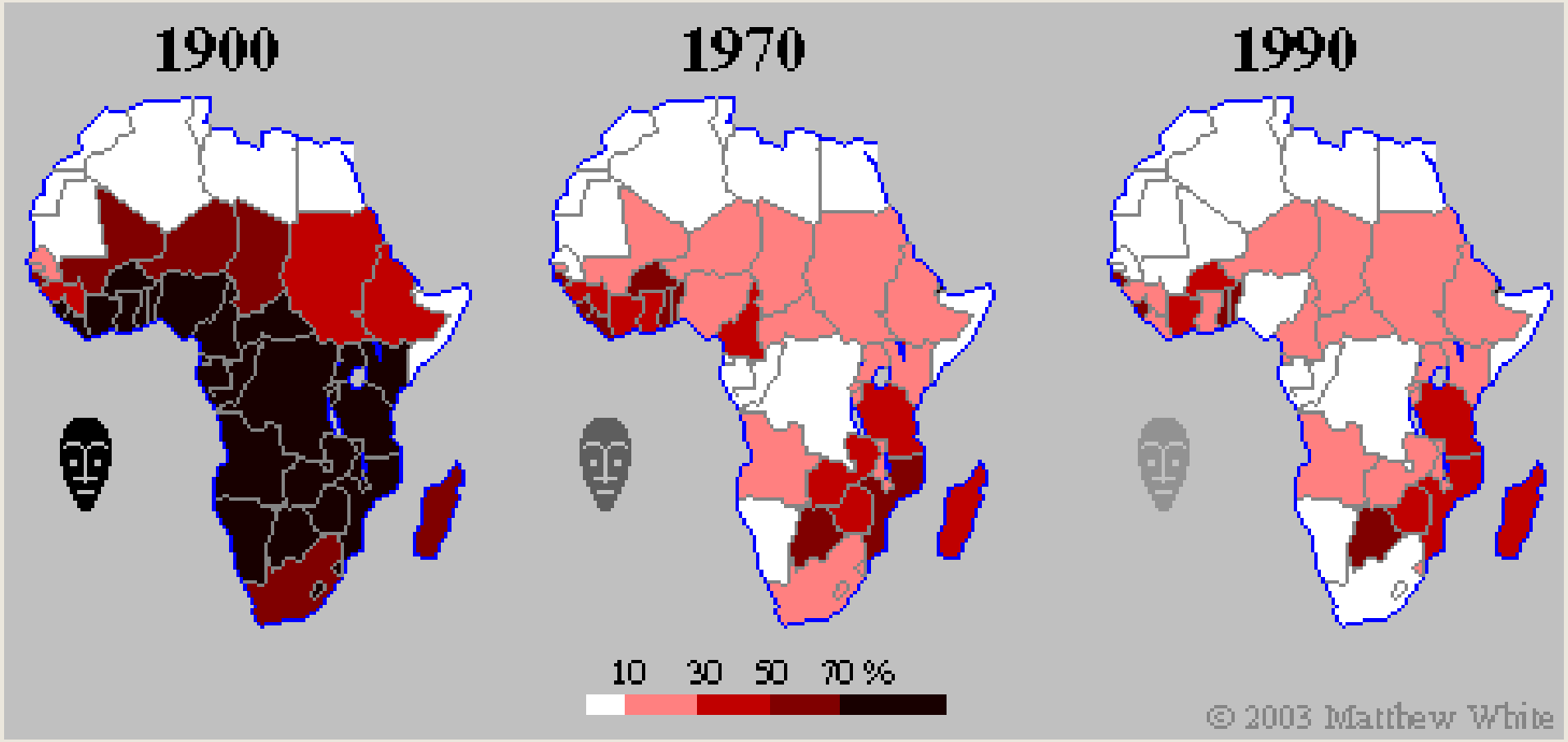
- Com mais de 130 milhões: árabe
- Com mais de 50 milhões: haussa (Nigéria e países vizinhos ao norte), suaíli (swahili), na Tanzânia (língua oficial), Quênia e Uganda (língua nacional) litoral do Índico até centro do Congo-Zaire.
- Com mais de 20 milhões: amárico (Etiópia) e berbere (Marrocos e Argélia).
- Com mais de 10 milhões: ioruba e ibo (Nigéria), grupo nguni (África do Sul: zulu e xhosa), mandinga (vários países no oeste africano). Grupo sotho (África do Sul), malgache (Madagascar), lingala (Congo/Zaire), kikongo (os Congos e norte de Angola).

Fonte: Africa at a Glance. *Instituto Africano da África do Sul, 1998, com estimativas de outras fontes.*

Religiões no continente

- Cristianismo. Estima-se que 32% dos africanos sejam cristãos
- O cristianismo se espalhou pelo meio rural, principalmente na região da Núbia Islamismo
- Estima-se que 40% dos africanos sejam muçulmanos
- O islamismo é a religião com mais adeptos na África
- Religiões tradicionais. Estima-se que 25% dos africanos pertençam a religiões tradicionais As religiões tradicionais africanas incluem a mitologia fon daomeana, iorubá, ibo, fânti, axânti, angola, congo e banta
- Religiões abraâmicas
- O cristianismo, o islamismo e o judaísmo são as crenças de mais de 91% da população

Religiões tradicionais africanas



Expansão islâmica e a centralização de estados no continente

- A África, e em especial o Magreb (norte da África), de civilização afroislâmica, era importante ponto de passagem de rotas comerciais terrestres e marítimas que ligavam a Ásia e o Oriente Médio à Europa do norte e do oeste.
  - Além de sua posição geográfica, a expansão do islamismo
  sobre a África saariana nos séculos VII ao X e sobre a África subsaariana e oriental nos séculos XI ao XV foi outro fator a conectar a África aos sistemas-mundo eurasianos.

A África islâmica

